

Ano 20 | 2026 | Número 92 | www.cfb.org.br

REVISTA

Biblioteconomia do Brasil

Publicação do Conselho Federal de Biblioteconomia/Conselhos Regionais de Biblioteconomia – CFB/CRB

Bibliotecas Sustentáveis



DIRETORIA

Presidente: Dalgiza Andrade Oliveira CRB-6, Vice-presidente: Hamilton Vieira de Oliveira – CRB-2, Diretora Administrativa: Kelly Castelo Branco da Silva Melo – CRB-7, Diretora Técnica: Rita de Cássia Alencar – CRB-3, Diretora Financeira: Andréa Batista de Souza – CRB-4

COMISSÕES PERMANENTES

Comissão de Legislação e Normas (CLN)

Comissão de Legislação e Normas (CLN) | Valéria Aparecida Bari – CRB-5 (coordenadora) | Alexander Borges Ribeiro – CRB-10 | Rita de Cássia Alencar – CRB-3

Comissão de Divulgação e Valorização Profissional (CDV)

Alexsander Borges Ribeiro – CRB-10 (coordenador) | Hamilton Vieira de Oliveira – CRB-2 | Rita de Cássia Alencar – CRB-3

Comissão de Tomada de Contas (CTC)

Fábio Lima Cordeiro – CRB-1 (coordenador) | Maria Marta Sienna – CRB-9 | Rosa Zuleide Lima de Brito – CRB-15

Comissão de Ética Profissional (CEP)

Leonardo de Oliveira Cavalcante – CRB-15 (coordenador) | Fábio Lima Cordeiro – CRB-1 | Daniella Camara Pizarro – CRB-14

Comissão de Licitação (CLI)

Alessandra Atti – CRB-8 (coordenadora) | Ailton Moreira da Rocha (pregoeiro) | Tatiana de Paula Martins de Souza

Comissão de Ensino e Formação Profissional (CENF)

Aldinar Martins Bottentuit – CRB-13 (coordenadora) | Daniella Camara Pizarro – CRB-14 | Kelly Castelo Branco da Silva Melo – CRB-7

Comissão de Bibliotecas Escolares e Públicas (CBEP)

Hamilton Vieira de Oliveira – CRB-2 (coordenador) | Leonardo de Oliveira Cavalcante – CRB-15 | Rosa Zuleide Lima de Brito – CRB-15

Comissão de Fiscalização (CFI)

Lucimar Oliveira Carneiro da Silva – CRB-5 (coordenadora) | Alessandra Atti – CRB-8 | Andréa Batista de Souza – CRB-4

Comissão de Avaliação de Documentos (CPAD)

Rosa Zuleide Lima de Brito – CRB-15 (coordenadora) | Kelly Castelo Branco da Silva Melo – CRB-7 | Lucimar Oliveira Carneiro da Silva – CRB-5 | Ailton Moreira da Rocha

COMISSÕES E GRUPOS TEMPORÁRIOS

Comissão de Diversidade e Acessibilidade

Valéria Aparecida Bari – CRB-5 (coordenadora) | Aldinar Martins Bottentuit – CRB-13 | Daniella Camara Pizarro – CRB-14

Comissão de Gestão por Indicadores e Relatório para o TCU

Kelly Castelo Branco da Silva Melo – CRB-7 (coordenadora) | Andréa Batista de Souza – CRB-4 | Maria Marta Sienna – CRB-9

Comitê de Compliance do Sistema CFB/CRB

Fábio Lima Cordeiro CRB-1 (coordenador) | Lucimar Oliveira Carneiro da Silva – CRB-5 | Leonardo de Oliveira Cavalcante – CRB-15 | Cláudio Northon Álvares de Castro

GT Bibliotecas Públicas

Alessandra Atti – CRB-8 (coordenadora) | Andréa Batista de Souza – CRB-4 | Maria Marta Sienna – CRB-9

Ouidoria

Marcos Luiz Cavalcanti de Miranda – CRB-7

FUNCIONÁRIOS: Roberto Barros Cardoso – Gerente Executivo | Cláudio

Northon Álvares de Castro – Consultor Jurídico OAB/DF 52.491 | Ailton Moreira da Rocha – Auxiliar Administrativo | Tatiana de Paula Martins de Sousa – Assistente Administrativa

CONSELHO FEDERAL DE BIBLIOTECONOMIA – CFB

CFB SRTVN Ed. Brasília Rádio Center, salas 1079/2079, CEP 70.719-900, Brasília-DF. Telefones: (61) 3328-2896 / (61) 3328-2080 | www.cfb.org.br e cfb@cfb.org.br

REVISTA Biblioteconomia DO BRASIL

Produção: Contatus Publicidade | 77 3434-0087 |

relacionamento@facacontatus.net.br

Supervisão: Luiz Ribeiro e Daiane Bruna; Editor: Bárbara Morais; Redação: Samilly Lima; Revisão: Bruna Dantas; Atendimento: Bárbara Morais; Editoração Eletrônica: Marcio Lopes; Curadoria fotográfica: Bárbara Morais e membros do CFB; Fotos: Acervo CFB, Alexander Borges Ribeiro | Hamilton Vieira de Oliveira | Rita de Cássia Alencar.

Editorial



Dalgiza Oliveira
Presidente da
20ª Gestão
CRB-6/1577

Bibliotecas Brasileiras Comprometidas com a Agenda Ambiental

O Manifesto para as Bibliotecas Públicas, atualizado em 2022 pela Federação Internacional das Associações de Bibliotecários e de Bibliotecas (IFLA), em cooperação com o Programa de Informação para Todos (IFAP), da Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO), afirma que “[...] as bibliotecas públicas contribuem para os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) e para a construção de sociedades mais igualitárias, humanas e sustentáveis”.

O Manifesto é para as Bibliotecas Públicas, mas a diretriz é para

todos os tipos de bibliotecas, para a Biblioteconomia e também para a Ciência da Informação. O entendimento de que temos responsabilidades quanto ao destino do planeta nos impõe atenção, práticas profissionais e uma agenda de pesquisas pautada e comprometida com a causa ambiental.

O exame da bibliografia sobre essa temática mostra que muito está sendo feito, mas também que muitos profissionais e pesquisadores não estão sensíveis ao contexto das mudanças climáticas, que, pela abrangência, gravidade

Foto: Freepik



e urgência, precisa integrar as justificativas dos nossos projetos e fazeres cotidianos, além de ser considerado na perspectiva da sustentabilidade das nossas unidades de informação.

Este número da Revista Biblioteconomia do Brasil, por meio das matérias que apresenta, quer mostrar práticas exitosas e inspiradoras tanto de ação bibliotecária quanto de estudos da Ciência da Informação orientados para a causa da sustentabilidade, no que ela possa se beneficiar de insumos informacionais.

Na primeira matéria, mais conceitual, aborda-se o tema das “Bibliotecas Verdes”, com o questionamento de o que são e sua importância. No mesmo sentido, na terceira matéria, das perspectivas do planejamento estratégico e da responsabilidade social, as nossas bibliotecas são examinadas quanto ao seu compromisso com a agenda climática.

A segunda matéria, um estudo teórico sobre diretrizes para o enfrentamento ao negacionismo climático em Bibliotecas Universitárias, evidencia o compromisso da Biblioteconomia com a qualidade da informação sobre o meio ambiente no contexto da desinformação, que se manifesta como um tipo específico de negacionismo científico. A pesquisa tem enorme potencial para aplicações práticas.

E é com boas práticas bibliotecárias que fechamos a abordagem da questão ambiental no campo da Biblioteconomia neste número, com um artigo que, ao seu final, indica uma série de iniciativas voltadas à sustentabilidade em bibliotecas das várias regiões do Brasil, num compromisso de elevado interesse para o planeta e para a humanidade para o qual o convidamos a estar junto.



Foto: Freepik



Foto: Freepik

Sumário



Educar para Transformar

O papel estratégico das bibliotecas na agenda climática

5



Bibliotecas Verdes

O que são e por que importam

13



Boas práticas de sustentabilidade em bibliotecas brasileiras

17



Bibliotecas e a Preservação Ambiental

O Papel das Bibliotecas Universitárias no Enfrentamento ao Negacionismo Climático

22



Quadro de Notícias

25

Educar para Transformar

O papel estratégico das bibliotecas na agenda climática



Hugo Oliveira Pinto e Silva
CRB - 8/9893



Foto: Freepik

A compreensão do contexto histórico, dos agentes envolvidos, dos instrumentos utilizados e dos desafios enfrentados é fundamental para a formulação de leis e políticas públicas eficazes. Isso colabora para a construção de um futuro mais sustentável e redução dos impactos das mudanças climáticas.

A elaboração e implementação de políticas públicas climáticas e ambientais eficazes devem considerar o federalismo cooperativo. Isso implica que União, estados e municípios precisam atuar de forma coordenada em diálogo, com a participação de diversos atores, como a sociedade civil, legisladores e governantes,

para construir instrumentos regulatórios, econômicos e de financiamento que possibilitem um futuro mais sustentável (Associação Brasileira de Entidades Estaduais de Meio Ambiente, 2020).

Essas políticas apresentam estratégias para a mitigação

(ações para a redução de emissão de gases do efeito estufa) e adaptação (iniciativas para ajustar sistemas humanos e naturais para lidar com





Foto: Adobe Stock

os efeitos já existentes ou inevitáveis das mudanças climáticas possibilitando a redução da vulnerabilidade).

Nesse contexto, a educação ambiental possui papel essencial no cumprimento dos objetivos e metas estabelecidas pelas ações governamentais. Ela se configura como uma ferramenta estratégica para o compartilhamento e a construção coletiva de conhecimentos, além de promover a conscientização da

sociedade sobre os impactos das mudanças climáticas.

Com investimentos em comunicação e em ações educativas, é possível sensibilizar a população sobre os desafios climáticos e estimular mudanças de comportamento. Essas ações devem ser desenvolvidas de forma transversal, envolvendo diferentes instituições na criação de iniciativas, programas e projetos voltados para esse propósito.

Nesse sentido, é necessário compreender a contribuição das bibliotecas como espaços estratégicos para a promoção da educação ambiental. Reconhecê-las como instrumentos para a educação ambiental pode ampliar o alcance e a eficácia das ações de sensibilização socioambiental, especialmente, em territórios vulneráveis. Essas instituições se tornam importantes aliadas na construção de uma cultura ambiental crítica e participativa.



Foto: Adobe Stock

Bibliotecas e sua função educativa no contexto ambiental

As bibliotecas são espaços dinâmicos que preservam o conhecimento, promovem a aprendizagem e difundem a cultura. Na perspectiva de Ovenden (2022), as bibliotecas possuem cinco atribuições essenciais: apoiar a educação tanto da sociedade em geral

quanto de comunidades específicas; oferecer uma ampla gama de conhecimento e ideias; contribuir para o bem-estar dos cidadãos e para a manutenção dos princípios de uma sociedade livre, preservando direitos e promovendo a integridade nas decisões; proporcionar mecanismos para se avaliar a

verdade e a mentira por meio de transparência, verificação, citação e reprodutibilidade da informação e dos documentos; e ajudar a fortalecer a identidade histórica e cultural das comunidades por meio da preservação de recursos informacionais.

Atuando tanto como provedoras de informação quanto como repositórios de recursos informacionais para consulta e empréstimo, as bibliotecas são geralmente consideradas organizações sem fins lucrativos. Nessas instituições, os resultados são programados e constantemente avaliados em



Foto: Freepik

um ambiente caracterizado por inovações e incertezas. Suas funções podem ser divididas em três categorias principais: formação, desenvolvimento e organização de coleções; dinamização do uso das coleções; e funções gerenciais (Maciel e Mendonça, 2006).

Para cumprir essas atividades, várias tipologias de bibliotecas atuam, tanto no contexto físico quanto no digital, abrangendo múltiplos objetivos e finalidades. Elas geralmente são classificadas como escolares, universitárias, especializadas, públicas, nacionais e comunitárias. Além disso, é

necessário o investimento de recursos financeiros e humanos para a realização de seus objetivos e metas, principalmente com relação às atividades administrativas e no atendimento satisfatório das demandas dos usuários.

Entre essas tipologias, destacam-se as bibliotecas escolares, que são espaços estratégicos para a formação cidadã e o fortalecimento de uma cultura voltada à sustentabilidade e à justiça climática. Ao coletar e organizar documentos segundo critérios pedagógicos e necessidades formativas da comunidade,

essas bibliotecas constituem-se como dispositivos de mediação essenciais para a educação ambiental, por meio de arranjos documentais, catálogos, curadorias e da indicação de documentos externos. Com isso, ampliam a capacidade da escola em trabalhar temas socioambientais.

Ao integrar-se à cultura da escola e contribuir com os objetivos pedagógicos da instituição, essas bibliotecas oferecem uma experiência educativa emancipadora, interdisciplinar e comprometida com os desafios contemporâneos. Participando

da vida cotidiana dos alunos, promovem projetos de leitura, atividades culturais e ações formativas que desenvolvem o senso crítico, as habilidades informacionais e a consciência socioambiental (Campello, 2024; Nara; Condurú, 2021).

As bibliotecas públicas, enquanto dispositivos de mediação cultural e informacional, coletam, organizam e contextualizam documentos de forma a apoiar a leitura crítica dos problemas ambientais. Por meio da sua coleção, guias de leitura, exposições, serviços de referência e da indicação de informações disponíveis em outros serviços e instituições, ampliam o acesso qualificado ao conhecimento e fortalecem os processos de educação ambiental. Essas práticas de mediação sustentam e qualificam sua função social mais ampla.

Como instituições abertas à comunidade em geral, as bibliotecas públicas possibilitam o acesso democrático à informação, ao conhecimento e à cultura, sendo especialmente

relevantes para populações em situação de vulnerabilidade social. Seu caráter inclusivo, aliado à capacidade de atuar de forma territorializada e participativa, permite o



Foto: Adobe Stock

desenvolvimento de ações educativas, eventos culturais e oferecerem espaços de diálogo, reflexão e ação coletiva sensíveis às realidades locais (Bichara, 2024).

Nesse ecossistema de bibliotecas comprometidas com a educação ambiental, as bibliotecas especializadas, ao reunirem e organizarem informações técnicas e científicas voltadas a um campo específico do conhecimento, atuam como centros de referência na mediação de conteúdos científicos ambientais contemporâneos.

A partir de acervos altamente seletivos e atualizados, essas bibliotecas colaboram com ações de divulgação científica, como exposições temáticas, produção de materiais informativos e realização

de eventos, promovendo a democratização do conhecimento ambiental junto à sociedade. Ao tornarem a informação mais compreensível e relevante para o cotidiano das pessoas, contribuem para a conscientização crítica e para o engajamento da população em práticas sustentáveis, colaborando, assim, com a construção de uma sociedade mais consciente e informada sobre as questões ambientais (Souza; Oliveira, 2017; Caribe, 2021).

As bibliotecas educam suas comunidades sobre práticas ecológicas e oferecem ferramentas essenciais para o desenvolvimento de competências relacionadas à leitura, escrita, educação, informação e desenvolvimento sustentável. Ao ampliar

o acesso à informação ambiental, as bibliotecas contribuem para a formação de uma consciência crítica e para o engajamento dos usuários em práticas sustentáveis e na proteção do meio ambiente (Nara; Condurú, 2021; Oliveira; Rosa; Teixeira, 2021).

De forma integrada, todas essas instituições compartilham o compromisso com a formação de sujeitos críticos e engajados. As bibliotecas desempenham um importante papel na área de educação ambiental, servindo como centros de aprendizado e de mediação da informação com potencial significativo para contribuir para a formação de usuários mais conscientes com questões relacionadas ao meio ambiente e aos impactos das mudanças climáticas.



Foto: Adobe Stock



O papel estratégico dos bibliotecários na sustentabilidade

Os bibliotecários que atuam nas bibliotecas escolares, públicas e especializadas precisam definir as competências e as responsabilidades de cada membro da equipe; identificar os recursos financeiros disponíveis para o desenvolvimento do acervo, a aquisição de equipamentos tecnológicos e do mobiliário adequado para o armazenamento das coleções e otimizar o uso do espaço físico e digital. Além disso, é crucial determinarem o nível do processamento técnico a ser realizado; selecionarem os instrumentos que serão utilizados para a criação de

produtos e serviços e definir estratégias eficazes de disseminação das atividades desenvolvidas.

Através da atuação dos “Bibliotecários Verdes”, essas bibliotecas se tornam agentes ativos na promoção da sustentabilidade e da educação ambiental. Esses profissionais implementam e promovem práticas sustentáveis, planejam, executam e avaliam iniciativas educativas dentro e fora das bibliotecas. A implementação de projetos, como oficinas de reciclagem e clubes de leitura ambiental, demonstra o papel crucial no fomento de uma cultura voltada para a sustentabilidade (Santana, 2024).

Portanto, os bibliotecários desempenham funções

mediadora, educativa e social cruciais ao fornecer recursos, oportunidades para o desenvolvimento do pensamento crítico, formação de cidadãos conscientes em relação aos problemas ambientais e ao promover ações ecologicamente corretas. Ao incluir as bibliotecas às estratégias da agenda climática, esses profissionais ampliam os canais de comunicação entre Estado e sociedade, qualificam o acesso à informação ambiental e garantem espaços seguros para a construção de soluções comunitárias.

Para que as bibliotecas analisadas se tornem espaços importantes para a educação ambiental e para o enfrentamento da crise climática, é preciso que o

poder público investida em diversas ações, como: melhorar a infraestrutura; garantir profissionais qualificados; fortalecer a cooperação entre diferentes níveis de governo, ampliar os acervos com materiais contextualizados à realidade social e ambiental; assegurar recursos financeiros e promover iniciativas que aproximem as bibliotecas das comunidades. Com essas medidas, as bibliotecas podem atuar de forma mais integrada, inclusiva e alinhada aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável.


Reconhecer as bibliotecas como espaços de mediação, educação e cultura ambiental fortalece sua capacidade de atuação nos diferentes

territórios, especialmente naqueles mais vulneráveis aos eventos climáticos. Ao aproximar o conhecimento das experiências cotidianas das comunidades, essas instituições ampliam sua relevância social. Investir na qualificação das bibliotecas e dos profissionais que as sustentam é, portanto, mais que um avanço técnico: é um compromisso ético com as futuras gerações e com a construção de um presente mais justo e sustentável.

As bibliotecas se apresentam como importantes espaços de formação e sensibilização ambiental, com potencial ainda pouco explorado. Ampliar o olhar sobre essas organizações como agentes de educação ambiental, valorizando

os bibliotecários como mediadores da informação e do conhecimento, pode representar um passo estratégico para o fortalecimento das atividades educativas e para o engajamento comunitário em prol da sustentabilidade.

As bibliotecas escolares, públicas e especializadas contribuem para práticas emancipatórias, o fortalecimento de habilidades informacionais e a promoção da leitura crítica das questões ambientais nas comunidades em que atuam, por meio da mediação documental e informacional e de ações educativas e sociais, aproximando o conhecimento ambiental da realidade dos usuários.



Hugo Oliveira Pinto e Silva
CRB 8 - 9893

Mestrando em gestão e políticas públicas na Fundação Getúlio Vargas. Especialista em Gestão do Conhecimento e da Informação Digital (2022). Bacharel em Biblioteconomia pela Universidade Federal de Minas Gerais (2010). Consultor Técnico em Biblioteconomia da Câmara Municipal de São Paulo.

Referências bibliográficas

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ENTIDADES ESTADUAIS DE MEIO AMBIENTE. Como contribuir para criar e implementar políticas públicas sobre mudança do clima?: guia para estados e municípios. Brasília: SPIPA (Strategic Partnerships for the Implementation of the Paris Agreement), 2020. 34 p. Disponível em: https://www.abema.org.br/images/publicacoes/2020_10_27-Cartilha.pdf. Acesso em: 18 nov. 2024.

BICHARA, Ana Maria da Silva. Vamos falar sobre bibliotecas verdes?. In: CAETANO, Alessandra Monteiro Pattuzzo; BARBOSA, Eliana Terra; PEREIRA, Gleice. O protagonismo dos bibliotecários capixabas na construção de espaços de inovação. [Belo Horizonte]: Amplla, 2024. p. 94-103.

CARIBE, Rita de Cássia do Vale. A biblioteca especializada e o seu papel na comunicação científica para o público leigo. Revista Ibero-Americana de Ciência da Informação, Brasília, v. 10, n. 1, p. 185-203, jan./jul. 2017. DOI: 10.26512/rici.v10.n1.2017.2511. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/RICI/article/view/2511>. Acesso em: 11 abr. 2025.

CAMPELLO, Bernadete. A biblioteca como lugar de aprendizagem. Belo Horizonte: Autêntica, 2024. 212 p.

MACIEL, Alba Costa; MENDONÇA, Marília Alvarenga Rocha. Bibliotecas como organizações. 1.ed. rev. Rio de Janeiro: Interciencia, 2006. 94 p.

NARA, Fernanda Mayde Assis; CONDURÚ, Marise Teles. Biblioteca escolar: da educação ambiental à construção de uma cultura sustentável. Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação, São Paulo, v. 17, p. 1-21, 2021. Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/1437>. Acesso em: 25 mar. 2025.

OLIVEIRA, Mariana Paranhos de; ROSA, Sabrina Silveira da; TEIXEIRA, Maria do Rocio Fontoura. O papel do bibliotecário como educador ambiental e suas contribuições amparadas pela aprendizagem significativa. Informação em Pauta, Fortaleza, v. 6, n. especial, p. 71-90, maio. 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/60773>. Acesso em: 18 nov. 2024.

OVENDEN, Richard. Queimando livros: uma história sobre o ataque ao conhecimento. Rio de Janeiro: Globo Livros, 2022. 293p.

SANTANA, Alessandra Jácome de. “Bibliotecário verde”: conceito do profissional que promove a educação ambiental. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 30., 2024, Recife. Anais.... Recife: Febab, 2024. Disponível em: <https://portal.febab.org.br/cbbd2024/article/view/3331>. Acesso em: 24 mar. 2025.

SOUZA, Raquel Costa de; OLIVEIRA, Eliane Braga de. A biblioteca especializada na Ciência da Informação. Biblos: Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação, Rio Grande, v. 31, n. 1, p. 185-194, jan./jun. 2017. DOI: 10.14295/biblos.v31i1.6182. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/biblos/article/view/6182>. Acesso em: 11 abr. 2025.

Foto: Adobe Stock



Bibliotecas verdes

O que são e por que importam

Foto: Adobe Stock

Em um cenário mundial marcado por transformações climáticas e pela urgência de práticas sustentáveis, as bibliotecas emergem como espaços de consciência e ação. Mais do que centros de leitura, informação e cultura, elas têm potencial para se tornarem agentes de sustentabilidade e cidadania. É nesse contexto que ganha força o conceito de bibliotecas verdes - instituições que aliam sua função educativa à responsabilidade ambiental, social e econômica.

Com a realização da COP 30 no Brasil, em 2025, o conceito de bibliotecas verdes ganhou ainda mais destaque, refletindo o compromisso das instituições culturais e educacionais com práticas sustentáveis. O evento global não só reforçou a importância da sustentabilidade, mas também incorporou as

bibliotecas como agentes essenciais no debate sobre o meio ambiente.

Mais do que uma tendência estética ou tecnológica, as bibliotecas verdes representam uma nova ética na gestão

do conhecimento, na qual a preservação ambiental é indissociável da democratização da informação.

O relatório Green Libraries Survey Case Studies 2022, publicado pela CILIP no Reino

Na prática, isso se traduz em quatro pilares principais:

- 1. Arquitetura sustentável:** prédios projetados para o uso racional de energia e recursos naturais, com iluminação natural, ventilação cruzada, materiais reciclados e sistemas de reaproveitamento de água.
- 2. Gestão de recursos:** implementação de políticas de economia de energia, redução de papel, incentivo à reciclagem e ao uso de acervos digitais.
- 3. Educação ambiental:** promoção de atividades, oficinas e acervos temáticos que estimulem práticas ecológicas e pensamento crítico.
- 4. Integração comunitária:** construção de vínculos com a comunidade local, atuando como espaço de pertencimento, troca e ação coletiva em prol do meio ambiente.

Unido, evidencia como as bibliotecas que adotam práticas sustentáveis fortalecem seu vínculo com a comunidade e ampliam o impacto social de suas ações. O estudo mostra que 64% das instituições participantes relataram

Bibliotecas verdes e a Agenda 2030

O movimento das bibliotecas sustentáveis dialoga diretamente com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) da Agenda 2030 da ONU.

ODS 4 – Educação de qualidade: ao promover educação ambiental e ampliar o acesso ao conhecimento sustentável;

ODS 11 – Cidades e comunidades sustentáveis: ao se consolidarem como espaços públicos de convivência e conscientização ambiental;

ODS 13 – Ação contra a mudança global do clima: ao reduzirem seus impactos ambientais e sensibilizarem suas comunidades sobre o tema.

benefícios diretos de iniciativas ambientais, como redução de consumo de energia, melhor uso de recursos naturais e maior engajamento dos usuários.

Essas experiências revelam que a sustentabilidade pode ser incorporada à rotina das bibliotecas, transformando-as em espaços de educação ambiental, cidadania e resiliência comunitária. Ao integrar princípios ecológicos em suas operações e serviços, as bibliotecas reafirmam seu papel essencial na construção de um futuro mais justo, consciente e sustentável.

Biblioteca Parque Villa-Lobos (São Paulo, Brasil)

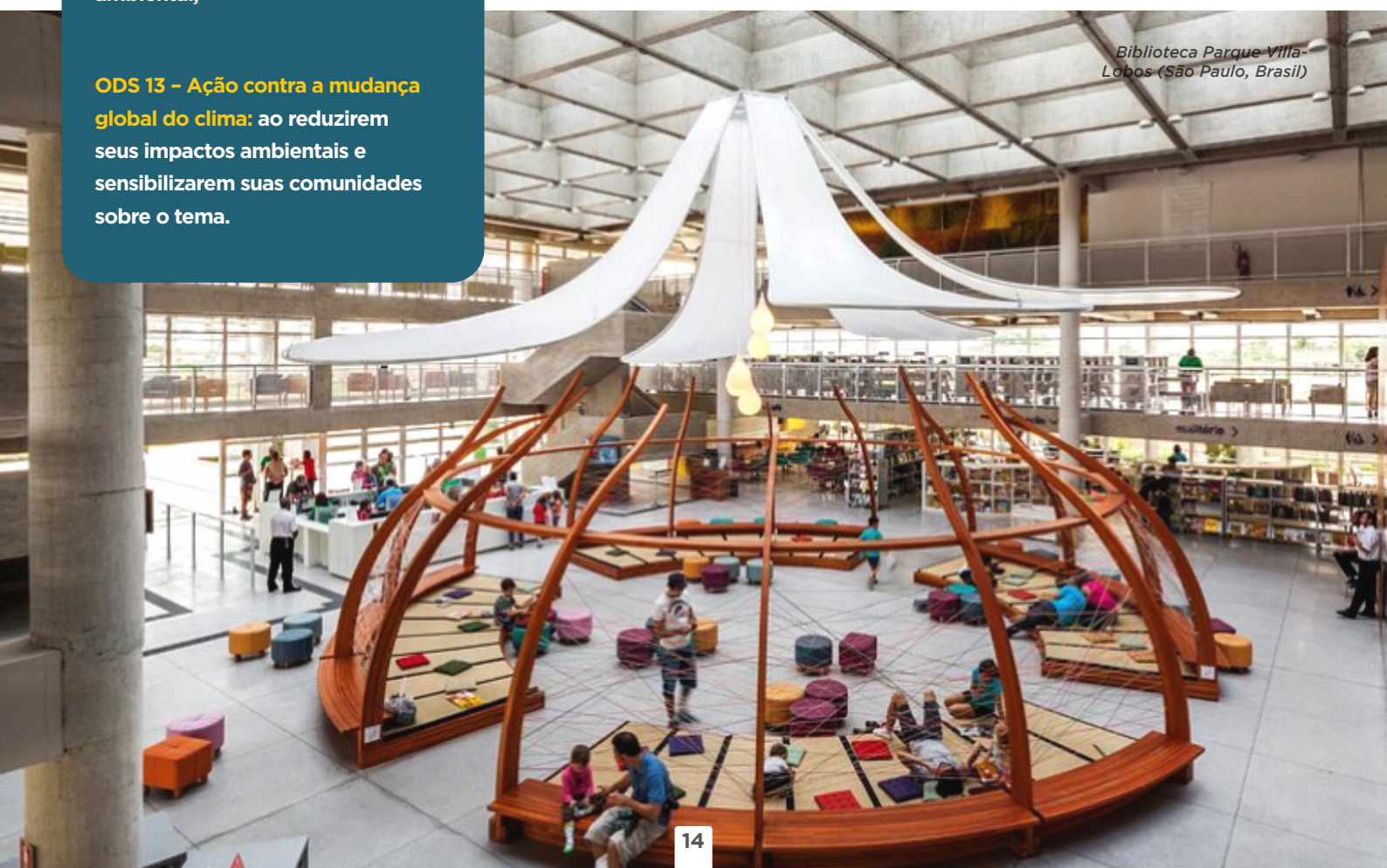
Inaugurada em 2014, a Biblioteca Parque Villa-Lobos (BVL) é hoje uma das maiores referências nacionais em arquitetura verde e integração

com o território urbano. Localizada dentro do Parque Villa-Lobos, em São Paulo, o espaço foi concebido com o aproveitamento máximo da luz natural e ventilação cruzada, reduzindo significativamente o consumo de energia.

A BVL também adota políticas de acessibilidade e sustentabilidade social, promovendo oficinas de reaproveitamento de materiais, clubes de leitura ao ar livre e ações educativas sobre o meio ambiente. O entorno natural do parque é parte ativa da experiência do leitor - uma integração simbólica entre cultura e natureza.

Mais do que um prédio eficiente, a BVL se tornou um modelo de biblioteca cidadã, onde o conhecimento e o cuidado ambiental coexistem como parte de uma mesma missão pública.

Biblioteca Parque Villa-Lobos (São Paulo, Brasil)





recreação ▾



Biblioteca Parque Villa-Lobos (São Paulo, Brasil)

Taipei Public Library Beitou Branch (Taiwan)

Entre os exemplos mais emblemáticos de bibliotecas verdes do mundo está a Taipei Public Library - Beitou Branch, em Taiwan, considerada a primeira biblioteca ecológica da Ásia.

Construída em madeira certificada e vidro, a biblioteca utiliza painéis solares fotovoltaicos para geração de energia, sistema de captação de água da chuva e um sofisticado projeto de iluminação natural.

O projeto arquitetônico da filial Beitou é acompanhado de uma forte dimensão educativa: o espaço abriga exposições permanentes sobre biodiversidade e mudanças climáticas, além de programas de leitura voltados à sustentabilidade.

Mais do que um edifício exemplar, a biblioteca é um símbolo internacional de como tecnologia, design e consciência ambiental podem caminhar juntos.



Taipei Public Library Beitou Branch (Taiwan)



Taipei Public Library Beitou Branch (Taiwan)

Bibliotecas como agentes de futuro

As bibliotecas verdes representam o encontro entre dois compromissos fundamentais: o da informação como direito social e o do cuidado com o planeta como dever coletivo.

Mais do que edifícios sustentáveis, elas simbolizam

uma nova forma de pensar a atuação bibliotecária - comprometida com a ética, a diversidade, a cidadania e o futuro comum.

Com a realização da COP 30 e o fortalecimento das agendas climáticas, o Conselho Federal de Biblioteconomia reafirma seu compromisso em promover debates e práticas que conectem

a Biblioteconomia brasileira à sustentabilidade global.

Porque construir uma sociedade mais justa e sustentável também passa pelas bibliotecas: espaços de conhecimento, encontro e esperança.



Biblioteca - Câmara Municipal de Coimbra (Portugal)

Boas práticas de sustentabilidade em bibliotecas brasileiras



Alexsander Ribeiro
CRB - 10/1932



Nos últimos anos, tornou-se impossível ignorar os sinais da emergência climática. O aumento da temperatura dos oceanos, a intensificação de tempestades e o avanço de desastres ambientais reforçam que precisamos rever nossa relação com a natureza - e rápido. Em paralelo, teorias conspiratórias, como a que atribui tragédias ao projeto HAARP, mostram o quanto a desinformação se fortalece quando falta educação ambiental.

É justamente nesse ponto que as bibliotecas entram como agentes essenciais. Para além do empréstimo de livros, elas são espaços de encontro, aprendizagem e debate público - e, portanto, têm a capacidade

de atuar diretamente na conscientização sobre temas climáticos, estimular o uso de energias limpas, promover reciclagem, mobilizar comunidades e fortalecer a proteção ambiental. Cada ação conta, e transformar bibliotecas tradicionais em bibliotecas verdes é um passo decisivo.

Para além do prédio ecológico: o que é uma biblioteca verde no Brasil?

Ainda é comum associar “biblioteca verde” a construções sustentáveis ou certificações

A analogia com a transição de “país subdesenvolvido” para “país em desenvolvimento” é precisa: também precisamos abandonar visões eurocêntricas sobre sustentabilidade. Em vez de um modelo único (certificado/não certificado), é possível pensar em classificações progressivas - como um sistema de cinco estrelas, no qual cada duas boas práticas geram uma nova estrela.

Comitês avaliadores ajudariam a manter o rigor da certificação, garantindo que as instituições sejam reconhecidas pela consistência de suas ações, e não apenas por iniciativas



Foto: Adobe Stock

importadas. Mas, no contexto brasileiro - diverso, desigual e profundamente comunitário - essa definição não dá conta da realidade. Aqui, uma biblioteca verde é aquela que pratica Gestão e Educação Ambiental com sua comunidade, adaptando-se às possibilidades locais.

pontuais. Vale lembrar que o Brasil já conta com diversos selos ambientais (ISO 14001, IBD, Procel, LEED, FSC, Eureciclo, Aqua etc.), mas quase todos voltados a setores industriais ou arquitetônicos, e não ao universo das bibliotecas.



Foto: Adobe Stock

Por isso, faz sentido olhar para práticas, não para estruturas - e reconhecer que sustentabilidade, nesse campo, tem mais a ver com cultura do que com construção.

Bibliotecário verde: quem é ele, afinal?

Aqui surge uma reflexão importante: trabalhar em uma biblioteca verde automaticamente transforma o profissional em um bibliotecário verde? Ou é possível que bibliotecários comprometidos com a pauta ambiental atuem em instituições que ainda não aderiram à causa?

A resposta está no compromisso, pois há bibliotecários que, mesmo em espaços que não priorizam a sustentabilidade, promovem palestras, ações educativas ou iniciativas de reciclagem. E há os que, mesmo inseridos em bibliotecas sustentáveis, não se envolvem com as propostas.

De acordo com Alessandra Santana (2024), bibliotecários verdes são aqueles que “[...], além de suas funções tradicionais, implementam e promovem a Educação Ambiental, planejam, executam e avaliam práticas sustentáveis dentro das bibliotecas e em suas comunidades.”

Essa definição, combinada a uma perspectiva freireana de dialogicidade, reforça algo fundamental: não se trata de levar conhecimento pronto às comunidades, mas de escutá-las e construir saberes coletivamente. A sustentabilidade só se fortalece



Foto: Adobe Stock

quando envolve ribeirinhos, agricultores, quilombolas, moradores urbanos - cada grupo com seus saberes e práticas - e quando o bibliotecário atua como facilitador desse diálogo.



Foto: Freepik

Uma proposta para o Brasil: o Selo Bibliotecas Verdes do Brasil (BVB)

Seguindo as cinco características da Educação Ambiental apresentadas por Nathalice Cardoso (2010) e lembrando que “[...] *ser verde é apenas um passo para se tornar sustentável*” (CARDOSO; MACHADO, 2017), proponho a criação do Selo Bibliotecas Verdes do Brasil (BVB).

Ele poderia:

- **estimular boas práticas ambientais,**
- **reconhecer esforços consistentes,**
- **e fortalecer uma rede nacional de bibliotecas engajadas na pauta climática.**

Um exemplo de uma ação que poderia ser pontuada: A biblioteca promove, anualmente, dois ou mais eventos públicos (rodas de conversa, palestras, oficinas, encontros etc.) de conscientização ambiental na biblioteca ou organiza tais eventos em escolas, associações de bairros, clubes de mães ou outras instituições da sociedade civil organizada.

Bibliotecas brasileiras já estão fazendo - e muito

Antes mesmo de existir um selo, a prática já está em movimento. De Norte a Sul, bibliotecas têm se reinventado como espaços de preservação ambiental e mobilização cidadã.

Em São Paulo, a Biblioteca Sylvia Orthof promoveu

atividades no Dia Mundial do Meio Ambiente que uniram arte, educação e sensibilização - com coral juvenil, palestras e programação interinstitucional.

Em Pernambuco, a BPE engajou jovens na ação “Missão Oceano”, articulando ludicidade e ciência para refletir sobre a preservação marinha. No IFPE Cabo de Santo Agostinho, a Biblioteca Alcides do Nascimento Lins tornou-se referência com projetos criativos como as Gelatecas - geladeiras reaproveitadas que viram pontos de troca de livros.

No Rio Grande do Sul, a Biblioteca Pública de Nova Petrópolis, com sua tradicional iniciativa “Doe um Livro, Adote uma Planta” segue fortalecendo o vínculo entre cultura e natureza, mostrando como pequenos gestos constroem grandes transformações.

Em Sergipe, a Biblioteca Epiphânio Dória aproximou o público da biodiversidade urbana por meio da exposição “Passarinhar na Biblioteca”, combinando literatura, sensibilidade e educação ecológica.

Essas iniciativas revelam algo essencial: a sustentabilidade em bibliotecas não depende apenas de grandes orçamentos, mas de criatividade, propósito e compromisso coletivo. Porém, não podemos apenas depender do heroísmo de alguns profissionais e, em paralelo às ações de superação das adversidades, devemos sim mobilizar nossas instituições para lutar por políticas públicas duradoras, que tragam mais recursos financeiros para as bibliotecas. São ações complementares e muito necessárias em tempos de emergência climática.



Foto: Adobe Stock

Referências:

CARDOSO, Nathalice Bezerra; MACHADO, Elisa Campos. Bibliotecas verdes e sustentáveis no Brasil. *Transinformação*, n. 29, v. 2, ago. 2017. DOI: <https://doi.org/10.1590/2318-08892017000200002> .

CARDOSO, Nathalice Bezerra. A contribuição do bibliotecário para a Educação Ambiental. *Perspectivas em Ciência da Informação*, v. 15, n. 2, p. 140-162, maio/ago. 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pci/a/tPjrLNkqScqSfQkNd6tzjRD/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 15 jul. 2024.

OLIVEIRA, Mariana Paranhos de; ROSA, Sabrina Silveira da; TEIXEIRA, Maria do Rocio Fontoura. O papel do bibliotecário como educador ambiental e suas contribuições amparadas pela aprendizagem significativa. *Inf. Pauta*, Fortaleza, v. 6, n. especial, maio 2021. DOI: <https://doi.org/10.36517/2525-3468.ip.v6iespecial.2021.62701.71-90> .

SANTANA, Alessandra Jácome de. “Bibliotecário Verde”: conceito do profissional que promove a educação ambiental. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECOLOGIA E DOCUMENTAÇÃO, 30., 2024, Recife. Anais [...] Disponível em: <https://portal.febab.org.br/cbbd2024/article/view/3331> Acesso em: 10 nov. 2025.

[1] Conselheiro Federal do CFB; Doutor em Ciências Sociais; Bibliotecário na UFRGS.

[2] HAARP é a sigla para High Frequency Active Auroral Research Program (em tradução livre: Programa de Pesquisa da Aurora Ativa de Alta Frequência). O projeto foi criado pela Universidade de Alaska Fairbanks nos anos 1990 para estudar ondas na ionosfera, camada atmosférica, cuja altura pode variar de 50 a mil quilômetros acima da superfície terrestre.

[3] Os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) são compostos por 17 metas globais: ODS 1 – Erradicação da Pobreza; ODS 2 – Fome Zero e Agricultura Sustentável; ODS 3 – Saúde e Bem-Estar; ODS 4 – Educação de Qualidade; ODS 5 – Igualdade de Gênero; ODS 6 – Água Potável e Saneamento; ODS 7 – Energia Acessível e Limpa; ODS 8 – Trabalho Decente e Crescimento Econômico; ODS 9 – Indústria, Inovação e Infraestrutura; ODS 10 – Redução das Desigualdades; ODS 11 – Cidades e Comunidades Sustentáveis; ODS 12 – Consumo e Produção Responsáveis; ODS 13 – Ação Contra a Mudança Global do Clima; ODS 14 – Vida na Água; ODS 15 – Vida Terrestre; ODS 16 – Paz, Justiça e Instituições Eficazes; e ODS 17 – Parcerias e Meios de Implementação.



Bibliotecas e a Preservação Ambiental

O Papel das Bibliotecas Universitárias no Enfrentamento ao Negacionismo Climático



Entrevista concedida por:
Josanne Assiz | CRB - 2/591

Foto: Adobe Stock

No coração da Amazônia, onde as questões ambientais são ainda mais urgentes, o papel das bibliotecas universitárias vai além de guardar e organizar conhecimento. Elas se tornam um ponto de resistência contra a desinformação, sendo mediadoras do acesso à informação qualificada e essenciais para o fortalecimento do pensamento crítico.

Josanne Assiz, bibliotecária da Universidade do Estado do Pará (UEPA), é uma defensora dessa transformação. Em sua dissertação de mestrado, ela aborda como as bibliotecas universitárias podem combater o negacionismo climático e promover a Competência em Informação.

Josanne, que possui uma trajetória consolidada na

biblioteca universitária da UEPA, acredita que o papel das bibliotecas vai muito além do simples armazenamento de informações. Para ela, as bibliotecas universitárias devem ser espaços vivos de mediação do conhecimento, em que a Competência em Informação se torna essencial para formar cidadãos críticos e informados, capazes de questionar as narrativas manipuladoras que rondam os debates sobre as mudanças climáticas.



O cenário do negacionismo climático nas bibliotecas universitárias

Em sua [dissertação](#) de mestrado no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCI/UFPA), Josanne

Assiz elaborou diretrizes para enfrentar o negacionismo climático nas bibliotecas universitárias. Segundo ela, a disseminação de informações errôneas e distorcidas sobre as mudanças climáticas tem se tornado um desafio crescente, especialmente em ambientes acadêmicos, onde o acesso à informação deveria ser preciso e confiável.

“O negacionismo climático, no contexto informacional, é uma forma organizada de negar ou distorcer o consenso científico sobre as mudanças climáticas causadas pelo ser humano”, explica Josanne. Ela ressalta que esse fenômeno é alimentado por interesses políticos, econômicos e até religiosos, e que as bibliotecas, como instituições comprometidas com



Foto: Adobe Stock

a ética do conhecimento, têm a responsabilidade de combater essa onda de desinformação.

A bibliotecária afirma que é imprescindível que as bibliotecas universitárias se posicionem ativamente nesse combate. Para isso, elas não podem se limitar a simples disponibilização de acervos. Elas devem promover um trabalho ativo de educação informacional, capacitando sua comunidade acadêmica a identificar e questionar as narrativas negacionistas, fortalecendo, assim, o pensamento crítico e a compreensão científica sobre as questões climáticas.



Bibliotecas Verdes: mais do que um conceito, uma ação transformadora

O conceito de Biblioteca Verde já é bastante difundido em algumas

partes do mundo, mas, para Josanne Assiz, ele precisa ser ainda mais integrado ao cotidiano das bibliotecas brasileiras, principalmente em um contexto como o da Amazônia. Ela acredita que as bibliotecas devem ir além da responsabilidade ambiental de reduzir o consumo de recursos como energia e papel. O conceito de Biblioteca Verde também envolve promover ativamente a sustentabilidade, adotando políticas e práticas que eduquem e envolvam a comunidade acadêmica no enfrentamento das questões ambientais.

“Ser uma Biblioteca Verde significa também atuar como um centro de promoção da Competência em Informação”, explica. Josanne destaca que as bibliotecas podem ser espaços fundamentais para fortalecer o vínculo entre ciência, território e comunidade, atuando como mediadoras do conhecimento necessário para um

futuro sustentável.

Em sua dissertação, Josanne descreve várias diretrizes que as bibliotecas podem adotar para enfrentar o negacionismo climático. Ela sugere a promoção de atividades educativas, como clubes de leitura ambiental, hortas comunitárias e oficinas sustentáveis, bem como a integração da educação ambiental nas ações de extensão universitária. Essas ações não apenas informam, mas também envolvem ativamente a comunidade no processo de construção de um futuro mais sustentável.



O papel transformador das bibliotecas na formação crítica

O conceito de Bibliotecas Verdes, no entanto, não se limita

à gestão de recursos ambientais. Josanne acredita que as bibliotecas devem atuar como agentes ativos de transformação social, capacitando seus usuários a se engajarem com questões que afetam o futuro do planeta. Isso inclui não apenas disponibilizar acervos, mas promover ações de resistência contra o negacionismo climático e qualquer outra forma de desinformação.

“Hoje, as bibliotecas têm o potencial de ser muito mais do que um simples guardião do conhecimento. Elas são mediadoras de sentidos, formadoras de consciências e podem se tornar espaços de resistência e cuidado”, afirma Josanne.

Ao adotar essas práticas, as bibliotecas universitárias podem contribuir significativamente para a formação de uma cidadania ecológica, em que a população se torna mais consciente de seu papel na preservação ambiental e no combate às mudanças

climáticas. *“A crise climática não é mais uma projeção, é uma realidade”,* lembra Josanne. *“E se a biblioteca é um espaço de memória, deve também ser um espaço de futuro, um futuro possível e habitável para as pessoas às quais servimos.”*



Conclusão: a urgência de uma atuação transformadora

As bibliotecas brasileiras, especialmente as universitárias, precisam assumir um papel ativo na promoção do conhecimento qualificado e ético, tornando-se espaços de resistência contra o negacionismo climático. Josanne Assiz é um exemplo de bibliotecária que está liderando essa mudança, utilizando

sua pesquisa e sua prática profissional para defender que as bibliotecas se tornem cada vez mais Bibliotecas Verdes, comprometidas com o combate à desinformação e com a formação de cidadãos críticos e informados.

O Conselho Federal de Biblioteconomia (CFB), ao abraçar essa causa, pode fortalecer a atuação das bibliotecas em todo o Brasil, incentivando a implementação de políticas públicas que promovam a sustentabilidade e a educação informacional, fundamentais para a construção de um futuro mais justo e sustentável.



Bibliotecas serão obrigatórias nas escolas de Natal



No dia 11 de novembro de 2025, a Câmara Municipal de Natal aprovou, em primeira discussão, um projeto de lei que torna obrigatória a instalação de bibliotecas nas escolas da rede pública municipal. A proposta, de autoria da ex-vereadora e atual deputada estadual Divaneide Basílio (PT), foi subscrita pelos vereadores Brisa Bracchi (PT) e Daniel Valença (PT). A iniciativa tem como objetivo garantir que todas as instituições de ensino público do município disponham de bibliotecas, proporcionando aos alunos acesso ao conhecimento e à literatura.

A proposta estabelece que cada escola deverá implantar e manter sua biblioteca, priorizando os conteúdos curriculares relacionados às diferentes etapas da educação. Além disso, a presença de um bibliotecário será obrigatória para gerenciar e organizar os serviços informacionais, além de promover atividades pedagógicas e culturais em colaboração com professores e estudantes. O projeto também destaca que a biblioteca deve funcionar em todos os turnos escolares, com acesso à internet e recursos para a pesquisa.

A aprovação do projeto é um avanço para a educação de Natal, visando melhorar a qualidade do ensino e fomentar o hábito da leitura entre crianças e jovens.

CFB participa do SNBU e reforça seu papel no setor biblioteconômico



O Conselho Federal de Biblioteconomia (CFB) participou recentemente do Seminário Nacional de Bibliotecas Universitárias (SNBU), um dos maiores eventos do setor biblioteconômico no Brasil. Durante o evento, o CFB apresentou suas iniciativas e destacou a importância da modernização das bibliotecas universitárias, abordando temas como a digitalização de acervos, o uso de novas tecnologias e as estratégias para integrar as bibliotecas ao ambiente acadêmico de forma mais eficaz.

A presença do CFB no SNBU foi marcada por palestras e discussões que envolveram bibliotecários, acadêmicos e gestores de instituições de ensino superior, que puderam compartilhar experiências e debater os desafios atuais enfrentados pelas bibliotecas no Brasil. O evento foi uma oportunidade para o CFB reforçar sua missão de promover a profissão de bibliotecário e contribuir para o desenvolvimento das bibliotecas no país.

O CFB se comprometeu a continuar apoiando as bibliotecas universitárias, buscando novas soluções para enfrentar as dificuldades do setor e garantir que as bibliotecas se tornem cada vez mais acessíveis e eficientes na promoção do conhecimento.